



Parece-me que se corre “seriamente” – desculpem que diga assim – o risco de *ontologizar* (no sentido de dar uma consistência) ao que eu tendo a pensar, ou seja, como a possibilidade de administrar um *setting* variável no decorrer de um tratamento extenso, que pode durar anos, como costuma ocorrer como os tratamentos analíticos. São tratamentos nos quais inevitavelmente vão se produzindo oscilações nas transferências (ao compasso do progresso da cura e de circunstâncias vitais que os pacientes atravessam), que tornam conveniente que o analista incorpore a noção de *flexibilidade* do enquadre. A noção de uma *administração artesanal* do enquadre, que permita deslocá-lo do lugar inamovível ou fixação permanente ao longo do tempo, a se converter em uma ferramenta em relação à qual o analista conta com a capacidade de se interrogar periodicamente. Isto é: se o *setting* escolhido inicialmente continua sendo ou não o mais adequado para a continuidade e aprofundamento do tratamento, nesse momento concreto. Nesse sentido, me parece que o sintagma “pacientes de uma vez por semana” corre o risco de promover no analista certa posição inercial em relação a um ponto sobre o qual convém que estejamos alerta. Poderíamos dizer que esta concepção flexível, artesanal do enquadre, acompanhe a concepção de um analista advertido da importância do *setting* e, graças a isso, atento ao papel que podem jogar suas variáveis nos diferentes momentos do tratamento.

Nesse sentido, eu pensava na realidade de meu consultório: estou trabalhando com pacientes que *agora* vêm uma vez por semana, mas que em outros momentos estiveram trabalhando com uma frequência mais alta; da mesma forma que outros pacientes atualmente estão vindo duas ou três vezes por semana, e não descarto absolutamente a possibilidade de que, por diferentes conjunturas, os respectivos *settings* requeiram ser revistos ou adequados. Acredito que, para mim, seria difícil pensar (com certeza há) em algum paciente que durante um tratamento de 7 anos, por exemplo, tenha mantido de forma invariável o mesmo *setting*.

Nessa mesma linha destacaria outro ponto da convocatória, quando diz “os tratamentos *analíticos* mudam com mais velocidade que nossa possibilidade de pensar os ajustes clínicos necessários”. Parece-me que explicita uma questão logicamente debatível e que se deve continuar a pensar: é claro que para Miguel, e me parece que para os três integrantes da mesa, a condição analítica, ou não de um tratamento, não se adquire ou também não se perde, pelo tempo particular de frequência de sessões em que se desenvolve.

Até aqui um primeiro ponto. Miguel se referiu na introdução – e eu compartilho, me parece muito bem ter explicitado – à valentia de Héctor: pelo fato de ter proposto um debate em relação a estas questões, em momentos nos quais no âmbito psicanalítico em nossas instituições, argentinas ou latino-americanas, era problemático propor. Eu acho que – é preciso dizer – era problemático propô-las porque pertencemos a instituições componentes da Internacional (IPA), que durante mais de 80 anos fez passar explicitamente a linha divisória entre psicanálise e psicoterapia por um critério eminentemente quantitativo, centralizado na frequência das sessões dos tratamentos. Atualmente, a partir de uma perspectiva conceitual, pode nos parecer que se trata de um enfoque pobre, muito reducionista, mas

precisamos saber que ainda continua “lutando” e suscitando discussões ríspidas. De fato, nas reuniões do *Board* onde se propôs a possibilidade de flexibilizar o modelo Eitingon, de 5 a 3 sessões semanais – apenas flexibilizá-lo – houve ameaças de cisão... desqualificações de todo tipo de parte de quem se opunha à proposta de modificações... e isto ocorreu nas semanas prévias e nas semanas posteriores ao recente congresso da IPA, em Buenos Aires.

Esses debates se tornam passionais e é muito bom recuperar uma distância que nos ajude a relocalizar quais são os núcleos conceituais que estão em jogo: ultrapassando as respostas identitárias responsáveis, acredito, pelas paixões desencadeadas... Nesse sentido acho que Haydée Faimberg, que tem um trabalho muito bonito sobre o conceito de idolatria, pode nos ajudar. Ela o entende como a relação particular que um analista pode estabelecer com um conceito teórico ou com uma forma de praticar a psicanálise. Em seu trabalho ela nos diz que quando o ser analítico de um colega está constituído ao redor de uma posição reverencial frente a um conceito ou a uma forma de praticar a psicanálise, não há possibilidade de questionar esse conceito ou essa modalidade da prática sem gerar angústia, pois o questionamento supõe uma crise identitária. Esses ingredientes obstaculizam a possibilidade de uma abordagem conceitual, racional destas questões.

Nesse contexto, minha impressão é que o que vivemos como “as dificuldades que propõem os tratamentos analíticos de uma vez por semana” está muito relacionado com as dificuldades que são propostas a muitos de nossos colegas – eventualmente a nós mesmos – aí onde se sentem, ou nos sentimos, implementando uma prática que não está sustentada nas exigências de um “Superego severo arcaico” institucional, com certeza incorporado de forma diferente em cada um, mas bastante uniformemente estendido nas instituições às quais pertencemos. Pelo efeito de uma pregação de quase 80 anos foi se formando um tipo de *shibboleth*: aqueles que o pronunciavam bem, eram os que trabalhavam com quatro ou cinco sessões semanais; os que o questionavam... não eram passados à degola, mas sim degradados à condição de analistas silvestres ou psicoterapeutas, por isso a valentia de Héctor. Um dos poucos que questionaram prematuramente o caráter emblemático que adquiria essa modalidade da prática, para abrir passagem a uma concepção – por sua vez – flexível e artesanal. Insisto no termo artesanal de Winnicott, mas também de Willy Baranger, que, vocês sabem, também deu muito peso a esta dimensão de nossa prática.

Por último duas coisinhas. Parece-me muito importante que este tipo de *delay*, de atraso que há entre a introdução de modificações na prática analítica cotidiana e a possibilidade de refletir sobre elas, conceitualizá-las. Na verdade, trata-se de um fenômeno que não é privativo das questões que nos convocam. Sempre a análise operou dessa forma. O mesmo Freud começou com uma prática que progressivamente o distanciou da hipnose, e depois – em um segundo momento – veio a reflexão, a conceitualização.

Para terminar, quero mencionar duas questões em relação às dificuldades que acarreta a prática com os pacientes de uma ou duas vezes por semana naqueles colegas que se sentem em infração com o Superego severo, arcaico, que prescreve um formato uniforme de



do de ahuyen

utilização do enquadre. Parece-me que um dos efeitos é que este analista está inclinado a desenvolver uma hostilidade inconsciente em relação a esses pacientes que lhe resultam “incômodos”. Incômodos, porque lhe devolvem uma imagem especular para a qual não foi “formado”. Em um caso que discutimos no princípio do ano em nossa instituição, era muito impactante como em um momento de crise no desenvolvimento da cura, a analista formula uma repreensão ao paciente – porque, na verdade, é uma repreensão mais que uma interpretação – em termos de ele só se deixa ajudar duas vezes por semana e que ela, nesse exíguo espaço de tempo, faz o que pode. Explicita nesse momento que já transcorreram vários anos desde o começo da análise, mas é claro que é a posição subjetiva na que operou como analista desde que começou o tratamento: com o registro do que ela vive como uma disponibilidade limitada por parte do paciente, que desperta nela, inconscientemente, hostilidade porque a coloca em um lugar no qual não pode se reconhecer como analista.

Último ponto: em relação a esta hostilidade inconsciente que se gera nestas situações em alguns colegas, me parece que outro aspecto a ser destacado (estava presente também no material que evocava) é a desvalorização da própria prática por parte daqueles colegas que sentem que não estão fazendo o que deveriam estar fazendo. O que tem um efeito secundário é que o analista, localizado neste transe subjetivo, tem possibilidades muito limitadas de alojar e realizar a transferência negativa de seus pacientes. Tem uma grande dificuldade para alojá-la e contribuir para o seu desdobramento, porque as manifestações da transferência negativa tenderão a impactar por baixo da linha de flutuação narcisista de um colega que já se sente em falta e que fica mais exposto em sua falta, aí onde sobrevém a inevitável repreensão transferencial. Porque sabemos que a transferência negativa é obrigatória e é bem-vindo que apareça.

**Héctor Fiorini:** É uma grande pressão falar uns minutos sobre temas que abrangem muitos anos e milhares de pacientes em uma diversidade enorme de situações de assistência. O tema se abre em muitas direções, porque algumas são referidas a assuntos de experiência clínica e outras apresentam perguntas de ordem epistemológica, teórica e metapsicológica ao mesmo tempo. Em outras palavras, não há zona da produção analítica que não esteja comprometida em um assunto dessas características.

Na verdade, se fala de um Superego institucional severo e vale a pena indagar como foi se construindo ao longo do tempo. Porque Freud, quando faz a comunicação *Novos caminhos da terapia psicanalítica*, em Budapeste, nesse trabalho sobre o futuro, habilita a buscar e pede que sejam buscadas novas formas de trabalho analítico, devido a que a demanda deverá variar na medida em que seja massiva. Ele anuncia um princípio muito geral, que é preciso ver por que os analistas seguintes preferiram não levar em consideração. Em parte um problema epistemológico forte é que sempre se preferiu unificar o saber em lugar de tomá-lo em sua diversidade, há uma polêmica entre unificar e diversificar. Freud nessa comunicação de Budapeste dizia: “É preciso diversificar porque a demanda será diversificada.”

Mas, curiosamente próximo dessa comunicação, propõe ao instituto de Berlim unificar e regular a técnica. Com isso são traçadas duas linhas contraditórias. Essa questão da unificação ou da diversificação em teoria do conhecimento é um tema muito forte.

Estou tentando ler uma passagem de Albert Camus. Vou ler de forma resumida. O livro é *O Mito de Sísifo*:

“O espírito que procura compreender a realidade só pode se considerar satisfeito se a reduz em termos de pensamento. Se o homem reconhecesse que também o universo pode amar e sofrer, ele estaria reconciliado. Se o pensamento descobrisse nos espelhos cambiantes fenômenos, relações eternas que pudessem resumí-los e se resumirem elas próprias num princípio único, se poderia falar de uma felicidade do espírito”... (Digamos, poder unificar) “Essa nostalgia da unidade; esse apetite de absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano. Mas que essa nostalgia seja um fato não significa que deva ser imediatamente apaziguada. Porque na verdade (diz Camus) se afirmamos com Parmênides a realidade do Um (seja lá o que ele for), caímos na ridícula contradição de um espírito que afirma a unidade total e com a própria afirmação prova a sua diferença e a diversidade que pretendia resolver. Tudo se reflete e se organiza na unidade da sua nostalgia. Mas, em seu primeiro movimento, o mundo se racha e se desmorona: uma infinidade de clarões resplandecentes se oferecem ao conhecimento. Em psicologia como em lógica, há verdades mas não há verdade.” Pensar de cada imagem um lugar diferente – aqui aparece a questão da singularidade – cada ideia, cada imagem, cada instante, cada ato nunca repetível, um lugar diferente”. (Diz Camus) “Abre-se ao coração e às intuições toda uma proliferação de fenômenos cuja riqueza tem algo de inumano. Esses caminhos levam a todas as ciências ou a nenhuma”. As experiências que acabamos de evocar nasceram no deserto que não se deve deixar.” (Essa última frase me parece chave) “Tenho que voltar sempre a abrir o que formei unificável, voltar a abrir o corpo de pensamento a certo deserto de fundo, onde terão que ser erigidas novas formas de pensamento, novas figuras.”<sup>1</sup>

Então há um debate constante entre unificar e diversificar.

Ferrater Mora diz que na história do pensamento essa contradição atravessa todos os séculos: unificar-diversificar. Então o problema que se propõe em termos epistêmicos é o uso de conceitos nas teorias, o papel do conceito. Eu revisei há pouco tempo um seminário que é dado na Sorbonne sobre o conceito, a noção de conceito (Jocelyn Benoist, *Concepts*. Flammarion, Paris, 2010). E o conceito é uma estrutura cognitiva muito problemática porque generaliza à revelia, o conceito não pergunta onde nem quando. Diz conflito ou diz Édipo ou diz transferência, mas não pergunta quando, onde e em que circunstâncias. E Deleuze diz: “Quando você se perguntar pelo porquê – do conceito – investigue o como, o quando e o onde, porque com o que, você ainda não responde nada. Responde a um tipo de fenômeno, mas em estado abstrato. E a grande contradição

1. N. do T.: A tradução corresponde a Camus, A. *O mito de Sísifo*. Recuperado de: <http://sanderlei.com.br/PDF/Albert-Camus/Albert-Camus-O-Mito-de-Sisifo.pdf>. Em 18 de junho de 2018.



tar los mosqui

é entre abstrato e concreto.” Tema que Bleger tinha visto claramente na demanda de Politzer de uma “Psicologia Concreta”: não fiquemos em uma metapsicologia abstrata, vejamos de quais conceitos se trata.

Prestem atenção à diversidade, ao concreto. Há pacientes que se aproximam do tratamento apenas uma vez por semana, porque temem que o tratamento lhes cause danos. Por exemplo, alguém que vem com conflitos matrimoniais e diz: “Venho com dúvidas porque me disseram que os analistas são partidários do divórcio, então venho a estudá-lo com você”. Mas vejam o que é a diversidade. Em Lanús, quando trabalhávamos com Goldenberg, o paciente não podia vir mais do que uma vez por semana ou, porque não tinha dinheiro para o ônibus da segunda viagem, ou porque no trabalho o deixavam sair apenas uma vez por semana. Isso propõe um grande tema que é uma psicanálise abstrata, que usa uma metapsicologia abstrata, ou uma psicanálise concreta que se fecha a situações específicas sempre variantes, cujas condições é preciso indagar sempre para ver de que se trata. Castoriadis fez uma boa reformulação do assunto quando disse “é preciso sair desse pensamento que faz conjuntos e lhes dá identidades generalizadas”, ele o chama pensamento “conjuntista-identitário”. Diz “esse pensamento não pensa, classifica”, quando vê algo que poderia entrar na bolsa de um conceito diz “ah, sim, a transferência!”. E já generalizou e já classificou, diz aí que classifica, mas não pensa se tem que haver transferência, como, em que instante, de que forma. Este é um ponto chave.

O tema atualmente aponta para que tenhamos que abrir mais o panorama das diversidades. E quero mencionar diferentes tipos de diversidade que nos são apresentadas. Uma é a diversidade das situações clínicas, temos um espectro enorme de situações clínicas: mais graves, mais agudas, neuroses mais compatíveis com a vida cotidiana, pacientes descompensados, fronteirios... diversidade da clínica. Temos outra questão que é a diversidade das culturas, e se refere a que quando um paciente consulta um analista vale a pena pensar como situação de encontro entre duas subculturas. A subcultura psi, da que somos portadores, se encontra com o paciente, que muito frequentemente é portador de uma cultura não psi. Então a questão é – e é uma pergunta agora – se são duas subculturas, em que cultura se desenvolverá o diálogo? Vamos forçar a cultura psi sobre o universo não psi ou ao contrário, nos moldaremos nós? Ou será preciso negociar uma cultura intermediária entre ambas subculturas? Assunto que considero que merece uma indagação contínua na clínica: em que linguagem nos comunicamos? Com que modelos do humano, das emoções, das condutas... com que modelos?

Outra noção de diversidade. Há anos que em Harvard é desenvolvida uma pesquisa sobre tipos de inteligência, e aparece que a inteligência não é uma em geral, mas sim que há tipos de inteligência. Fiquei interessado em ver os tipos de inteligência, há inteligências mais do tipo analítico conceitual, há inteligências onde prevalece o prático, há inteligências criadoras que diferem no modo de processar. Há uma inteligência muito vista em Harvard, que é a inteligência do corpo no espaço, uma inteligência corporal, há inteligência musical, na qual prevalece a percepção do sonoro sobre outras em que pre-

valece mais o conceitual, o teórico, analítico. Então aí temos que no encontro analítico, qualquer um deles, pode haver um cruzamento de inteligências diferentes, e então temos que ver como processamos esta diversidade de forma a nos acercarmos ao pensamento.

Por último acrescento a diferença notada por Liberman em seu momento, que era a diferença de estilos. Quando Liberman diz “o paciente com estilo histérico requer de minha parte uma resposta não histérica, e sim, melhor de estilo esquizoide” e vice-versa, quando diz “o paciente com tendência esquizoide requer de minha parte uma resposta mais histérica”, no sentido alegórico, não? Histérica no sentido emocional, não histérica, mas expressiva emocional. Está ali contando da diversidade dos estilos, como relacionamos diversos estilos que não são um. Como diz Camus “nunca é uno”, sempre o uno nos escapa pelas bordas para uma diversidade e sempre há muito em jogo. Isso é parte da diversidade.

Vou respeitar os dez minutos, é o primeiro minuto de uma longa conversa. [risos].

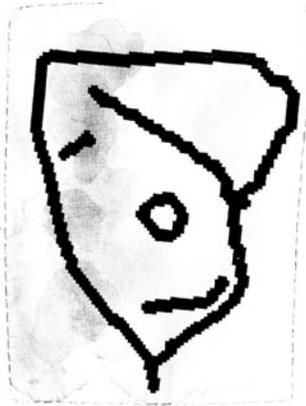
**Hugo Lerner:** Nunca se sabe se é uma desvantagem ser o último orador, especialmente depois de duas lúcidas exposições. Porque viemos com algo planejado, mas resulta que os dois colegas anteriores me dispararam múltiplas associações.

A primeira pergunta que me faço é se este encontro seria realizável em uma instituição não IPA? Depois vou voltar ao motivo pelo qual formulo esta interrogante.

Cabral falou de algo que me parece substancial. Há muitos anos escrevi um capítulo que se chama *Técnicas ou rituais*, e que de alguma forma apontava com crítica a ritualização da técnica. Naquele trabalho recorri a Lakatos, que afirmou que uma teoria tem um núcleo central e um cinturão protetor; os elementos que lhe dão identidade estão no núcleo e não no cinturão. O núcleo central nunca poderia ser um elemento técnico. Em nossa disciplina, a noção de inconsciente se situa dentro do núcleo central, enquanto a associação livre e a atenção flutuante são instrumentos para ter acesso ao inconsciente e são parte do cinturão. Se houvesse outros elementos técnicos eficientes poderiam, eventualmente, deslocar a associação livre e a atenção flutuante, mas até que não exista uma mudança radical de paradigma o núcleo central nunca poderia ser substituído. Portanto, devemos ter cuidado e não colocar a técnica como núcleo central. Hoje em dia, tanto a partir da teoria como da técnica, se requer da psicanálise uma expansão de seu núcleo para que continue sendo atual e vigente. Se isso acontecesse se ampliaria sua base de sustentação, ou seja, a teoria, e isso inevitavelmente enriqueceria e daria vida à psicanálise. Daqui se conclui o que penso: a frequência de sessões não define o que é psicanálise, o que a define é sua teoria.

Os analistas “obedientes” se congelam atrás de uma “técnica verdadeira” e o que Lakatos afirma é que o importante em qualquer ciência é transitar o núcleo da teoria. O núcleo é a teoria, a técnica é secundária à teoria que é empregada. Ou seja, ele diz: “Eu nunca discuto técnicas, discuto teoria. A técnica é consequência da teoria que eu utilizo.”

Obviamente, em nosso meio pareceria que isso não seria aplicável, já que vivemos discutindo aspectos técnicos. E Alberto citou



*en passant* que a frequência não definiria um processo psicanalítico, com o que eu estou totalmente de acordo. Em 1999, Amati Mehler, em um *newsletter* da IPA, propõe uma definição sobre o que é psicanálise: é o uso do divã e a frequência de sessões. Eu, quando li isso, em um diálogo interno me disse: ou renuncio a ser psicanalista ou tem algo que não está me caindo bem. Porque eu, já naquela época, não atendia pacientes quatro ou cinco vezes por semana.

Eu acho que, em alguns aspectos, o enquadre é uma construção intersubjetiva, não é algo que surge – ou não deveria – de um Superego institucional e que muitas vezes nos agarramos a certo modelo de funcionamento técnico, principalmente por uma concepção sacralizada que tem o psicanalista sobre o que é valioso. Seria preciso ver, nessa identificação que caiu no Superego, quanto intervieram as instituições para gerar este modelo tão exaltado do que é a “boa psicanálise”.

Ano 2002, Congresso Argentino de Psicanálise, material clínico, um analista comenta que uma paciente pede uma análise e na primeira sessão ele propõe 4 sessões por semana, ao que a paciente, que era do interior, lhe diz que não poderia por causa da distância, nem por tempo, nem por trabalho, e aí mesmo nessa entrevista o analista interpreta a transferência negativa. Além da brutalidade interpretativa, usa um elemento teórico-clínico como a transferência, mais unido ao modelo de enquadre e de frequência do analista que à potencialidade analítica que tem o paciente. Nem todos os pacientes têm a mesma potencialidade de análise. Eu poderia dar exemplos de pacientes que atendi com uma sessão e de pacientes com cinco sessões por semana. Nesse sentido acho que devemos ter certa elasticidade.

Escrevi em algum momento que gosto mais de pensar no enquadre sob medida e não o *prêt-à-porter*. Que cada situação estaria relacionada mais com o que Alberto propõe como artesanal. Eu acredito que, assim como na teoria não podemos pensar no artesanal, acho que na técnica temos que voltar a Freud. Ele escreveu muito pouco sobre técnica, na década de 10 e poucos textos. Debaixo de cada artigo fala de “conselhos” e em uma das partes diz: “Isto é bom para mim, para minha forma de ser, não tem que ser bom para todos. E haverá muitas formas boas e muitas formas ruins de gerar um processo analítico”, (não diz processo). Mas diz algo interessante, não me lembro textualmente, mas diz que muitas vezes o entorpecimento de uma análise está relacionado com as resistências do analista e não do paciente. Eu acredito que quando queremos impor determinado modelo de enquadre, no qual a frequência de sessões é um item importante para o analista, muitas vezes o que isto faz é que surja a transferência negativa muito cedo. Freud mesmo dizia “esperemos um pouco. Temos que gerar uma situação. O uso do conceito de empatia, de relação, falo de relação amistosa, para que se potencialize a possibilidade de gerar um vínculo transferencial.” Ele não dizia que chegava o paciente e pronto, já estava estabelecida a transferência.

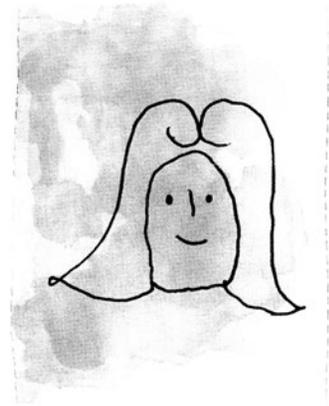
Este é Freud nos artigos técnicos. Lamentavelmente não gerou muito interesse, foram pegadas algumas coisas e foram distorcendo outras por diferentes situações que este não é o lugar para discutir, me refiro a problemáticas institucionais e não da clínica, que estiveram muito mais relacionadas, como diria Badiou, com situações de poder que com situações teóricas.

Como podem ver, fui associando e do que eu preparei por agora nada... Héctor me fez lembrar duas coisas; há um livro que sempre me resultou muito interessante, ainda que o autor bata bastante na psicanálise, que é de George Steiner, em *Nostalgia do absoluto*. Castoriadis e Steiner, os dois dizem que o perigo de algumas disciplinas é que sejam ritualizadas e sacralizadas. Steiner dá um passo mais e diz que ante a queda das religiões há uma necessidade de crença do ser humano e que foram três as que tentaram substituí-la: marxismo, estruturalismo e psicanálise.

Então, Héctor toca um assunto: as diversidades clínicas. Eu acho que, se vocês me dissessem: “Defina você o que quer dizer com mudanças frequentes de sessão”, eu falaria das diversidades clínicas. Há muitos anos veio me ver... - eu atendo muito uma vez por semana – um paciente e percebo que há uma fragmentação, uma despersonalização muito importante. Eu vi esse paciente cinco vezes por semana durante três anos. Sabei-se bem, fomos trabalhando, mas foi quase um pedido dele a alta frequência, além de eu considerar adequado e necessário. Ele tinha necessidade de me ver seguidamente e eu também. Atualmente tenho pacientes com uma sessão por semana e noto muita diferença entre este paciente, estou pensando em um, que vejo uma vez por semana e aquele que via cinco. Refiro-me à possibilidade que se instale um processo analítico que permita elaborações. O primeiro necessitava daquela frequência e o segundo a que estamos transitando.

O paciente das cinco sessões apresentava um quadro de clara fragmentação egoica. Então eu me ajustei a uma necessidade dele, que por momentos se tornava difícil para mim sustentar, porque não está só a problemática da resistência do paciente, mas também a do analista. O analista quanto pode tolerar cinco sessões por semana? Falemos claramente, independentemente das urgências, das mudanças e da tecnologia, manter vínculos com esta intensidade às vezes exige um esforço do analista que excede suas possibilidades e nem todos podem ou querem.

Obviamente uma análise de uma sessão por semana gera um modelo de relação intersubjetiva diferente de outra com duas ou três sessões. A diferença é que eu não desvalorizo a análise de uma sessão por semana, mas sim digo que enfrentemos esta realidade porque, caso contrário, não estamos nos encarregando das mudanças de contextos sócio-históricos, como Castoriadis teria gostado de dizer. Neste momento é difícil exigir de alguém, como podia Freud que fazia análises curtas. Se não levamos em consideração a problemática atual, “impor a um paciente” uma frequência que esteja mais instalada no Superego do analista que nas necessidades e possibilidades do paciente, acredito que causamos danos a nosso corpo teórico-clínico. Acredito que geramos muitos adversários por esta situação obcecada de manter um ideal do tratamento “ideal com alta frequência”. Em realidade, o que teríamos que ter discutido muito mais e ainda continuar fazendo são os problemas mais ligados à teoria que à aplicação, à técnica. Em questões técnicas, como dizia Freud, há muitas formas; como disse antes, ele propunha que haveria caminhos melhores e outros piores, mas muitas vezes elas estão relacionadas com o estilo de um analista. Liberman falava de estilos complementários e se referia





à comunicação. Ele havia se afastado do analista concebido como receptáculo gelado, que não intervém e está “totalmente frio”, como um cirurgião e disse: não, senhores, se acontecer isso eu vou contrapor com um estilo, o que ele chamou de estilos complementários.

Finalmente, vou terminar com uma citação de Steiner; não é textual pois intercalei alguns pontos. Ele diz o seguinte:

Ao ocupar-se da origem das disciplinas humanísticas ou humanas, Steiner (1974) propõe usar o conceito de “mitologias”, no sentido de que estas disciplinas mostram “um quadro completo do homem no mundo”. Muitas vezes estas mitologias não permitem ser rebatidas, são sistemas totais que dão explicações totais. Também têm inícios e desenvolvimentos reconhecíveis: “Haverá um grupo original de discípulos que estarão em contato imediato com o mestre, com o gênio do fundador. Mas logo, alguns deles provocarão uma ruptura em forma de heresia. Produzirão mitologia ou sub-mitologias rivais, e então se observará algo muito importante. Os ortodoxos do movimento original odiarão esses hereges, aos que perseguirão com uma inimizade muito mais inflamada do que a que descarregariam contra o que não crê. Não é a falta de crença o que temem, mas sim a forma herética de seu próprio movimento”.

Acrescenta Steiner que uma “mitologia verdadeira” constrói linguagens e idiomas próprios, emblemas, bandeiras, metáforas e cenários característicos. Constrói seus próprios mitos. Ele nos diz que “uma mitologia representa o mundo por meio de certos gestos, rituais e símbolos

fundamentais”<sup>2</sup>. Sugere que este modo de entender diversas disciplinas seria o resultado da decadência que teve a religião, a qual deixou profundamente arraigada no Ocidente uma nostalgia do Absoluto. “Como nunca anteriormente, hoje [...] estamos sedentos como nunca de mitos, de uma explicação total: ansiamos por uma profecia garantida”<sup>3</sup>.

Seguindo com estas ideias, gostaria de vincular meu enfoque com a liberdade criativa no processo analítico e postular que devemos nos afastar de toda tentação de estabelecer pautas “religiosas” rígidas, sacras e ritualizadas. Devemos saber que ser, como diz Steiner, “nostálgicos do Absoluto” nos levará a nos fecharmos em nossa disciplina e a uma repetição esterilizante.

Muitos “flertes de seita” se instalaram em muitas das instituições psicanalíticas. São situações que levaram a afirmar erroneamente o que é psicanálise ou não é, como poderia ser a frequência de sessões, e se nos submetemos a esses conceitos ritualizados acreditamos que nos definem como analistas. Quando eu comecei no caminho da saúde mental fiz psiquiatria. Era preciso passar pela trincheira dos “casos complicados” e paralelamente nos dedicávamos a estudar psicanálise. Acreditávamos que certos signos: barba-cachimbo-divã, definiam o ser psicanalista (em meu caso faltou o cachimbo). Agora o incrível, e isto já faz muitos anos, e em 2000 a IPA seguiu afirmando o mesmo. Não sobre a barba e o cachimbo, mas sim afirmando que o que define a psicanálise é divã e frequência (está no *newsletter* que já citei). Para mim, pessoalmente, afirmações desse tipo parecem quase um horror, e acredito que derivam de uma situação ligada à política interna institucional e não a um problema da teoria e da clínica psicanalítica.

### Posteriormente a esta primeira etapa das exposições o público fez comentários e perguntas sobre vários tópicos:

*Muda a interpretação transferencial, o mundo fantasmático e a elaboração nos tratamentos de uma vez por semana? Em virtude de que processos o analista se autoriza a realizar as mudanças de enquadre das quais falamos? A análise do analista requer uma experiência de uma análise de uma vez por semana? Ou pensamos que se o analista está bem analisado, isso não é necessário? Pode acontecer que os analistas não se animem, por dificuldades contratransferenciais, a propor tratamentos de mais de uma vez por semana que os pacientes aceitariam, mas para eles é difícil propor?*

*Os analistas poderiam contribuir com alguma pérola sobre as peculiaridades da interpretação em tratamentos de uma vez por semana que eles tenham encontrado em sua própria prática? Quanto influem nas idolatrias por certas teorias o assunto do poder, quem tem o poder no âmbito psicanalítico? O que acontece em nossa disciplina que a diversidade de práticas não se reflete em uma mudança nas teorias e*

2. N. do T.: Tradução de José Gabriel Flores. A tradução corresponde a Steiner, G. (1974). *Nostalgia do Absoluto*. Relógio D'Água Editores (Edição ePub, p. 7).

3. N. do T.: Tradução de José Gabriel Flores. A tradução corresponde a Steiner, G. (1974). *Nostalgia do Absoluto*. Relógio D'Água Editores (Edição ePub, p. 9).

o que se escuta é sempre o mesmo? Até que ponto tudo o que estamos dizendo não está relacionado também com mudanças culturais que foram ocorrendo no mundo?

**AC:** Em que medida podemos os analistas recuperar o poder de interpelação que – sobre a teoria – tem nossa prática cotidiana? Acho que aqui, esta possibilidade de deixar a porta aberta para esta interpelação, é um dos saldos de uma análise de formação bem-sucedida do analista. Digo bem-sucedida em termos de promover no futuro analista uma relação com a teoria *que o oriente...* mas que não o converta em um “robô de analista” [Lacan] que supõe que conta, *já*, com todas as respostas. Uma relação-bússola com a teoria, e não com uma teoria-bunker atrás da qual se perpetuar, protegido da angústia que as novidades da clínica geram. Não posso desenvolvê-lo aqui, só o indico: uma tal relação com a teoria anda junto – para mim – com uma elaboração adequada da identificação ao pai (o saber teórico é um de seus tantos substitutos), que permita prescindir dele, depois de ter se servido dele (Lacan).

Por outra parte, me parece que seria muito bom que as análises de formação dos analistas possam familiarizar o futuro praticante com uma flexibilidade ou uma administração artesanal do enquadre. Porque, efetivamente, é grande o dano que causamos à psicanálise, ao futuro de nossa prática clínica, quando concebemos a formação ligada exclusivamente a uma forma pré-determinada de *setting*.

Eu tinha trazido uma pequena vinheta que, a meu ver, mostrava a riqueza do processo de elaboração de um luto em uma paciente que nestes momentos está trabalhando uma vez por semana. É uma paciente que em seu momento, há quatro ou cinco anos, trabalhou três vezes por semana; depois de seu casamento passou a duas; interrompeu a análise com o nascimento de sua primeira filha e voltou quando a menina tinha um ano. Parece-me que é o tipo de paciente e o tipo de tratamento que temos habitualmente. Vai oscilando, não está congelado em “paciente de uma vez por semana”.

E uma pequena questão em relação à interpretação, ao menos para abrir a discussão. Falou-se se há as mesmas possibilidades de “entender” a interpretação no paciente que vem uma vez por semana, que em pacientes que se analisam com maior frequência. Eu não me uno tanto à ideia de “entender” a interpretação. Tenho tendência a pensar as coisas em termos de pacientes refratários ou permeáveis ao efeito da interpretação. Quando Freud se propõe a pergunta “quando começo a interpretar?”, responde “bom, uma vez que tenha se produzido uma aproximação do paciente à pessoa do médico”, e depois diz “uma vez que tenha se instalado uma *transferência operativa*”. Em nenhum lugar encontrei em Freud o que entende por transferência operativa. Porém, me parece que estamos autorizados por outros textos de Freud e por reflexões de pós-freudianos, a pensar que isso que ele chama de transferência operativa fala de uma posição subjetiva muito particular; a posição que poderíamos chamar *analisante* e que é a de quem aceita, admite – e não por submetimento, mas por convicção íntima – que tudo o que diz na sessão... pode chegar a querer dizer outra coisa. E que essa “outra coisa” pode chegar a lhe ser devolvida via interpretação. Estamos tão familiarizados com esta *posição analisante* que nos

parece que é uma posição que é natural; mas por algo Freud falava de entrevistas preliminares e de instalar uma transferência operativa: porque se necessita uma modificação, uma mudança na posição subjetiva convencional. É o que faz que os analistas clássicos digam que uma interpretação fora de contexto é uma agressão. E claro: fora de contexto, isto é, quando não há uma transferência operativa instalada, com certeza a proposta interpretativa, ao não contar com esse “mordente”, não vai poder prosperar.

Eu tendo a pensar a problemática da interpretação e de sua eficácia a partir desse ângulo, e não tanto em função da frequência de sessões com que o paciente está trabalhando nesse momento. E se registro refratariedade à interpretação, tendo a pensá-la em relação a oscilações que estão se produzindo na transferência operativa ou, em termos de Lacan, a vacilações na função do “sujeito do suposto saber”. São oscilações que são importantes registrar, para se perguntar que intervenções podem contribuir para relançar a transferência operativa: em algumas ocasiões, uma modificação – temporária ou não – no *setting* que se vinha empregando pode ser de utilidade.

**HF:** Que difícil citar várias coisas em minutos!

Primeiro uma questão sobre a prática. Há uma tradição teoricista que em seu momento se expressava em Althusser, que dizia que a prática não é mais que um momento da teoria. Essa posição teoricista é, a partir do ponto de vista da história do saber, inteiramente fraca porque as teorias vão se construindo, questionando e modificando graças a que as práticas vão ditando outras direções. Em oposição ao teoricismo tipo Althusser vou mencionar uma breve conversa de Deleuze com Foucault, que é sobre a relação entre teoria e prática. Deleuze lhe diz a Foucault: “Toda teoria surge, cresce e se desenvolve até chegar a um ponto de detenção. Esse ponto de detenção se levanta ante a teoria como um muro intransponível. Esse muro vai ter que ser perfurado por uma prática”.

Quando eu li isso disse “diabos! Mudou a relação entre teoria e prática.” A prática não vem subordinada à teoria, perfura o muro que a teoria não pode passar. Vejam a hierarquia epistêmica que toma a prática. No fundo enlaça com a tese de Marx sobre Feuerbach, porque Marx nas onze teses sobre Feuerbach, na tese nº 11 diz: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo”.<sup>4</sup> Ou seja, fazia falta – dizia Marx – uma prática que entre no mundo para ver de que se trata e permita pensá-lo. Com o que a prática ganhava uma força muito, muito importante. Essa prática então, não é somente o lugar de aplicação, é um lugar de investigação, é um lugar de questionamentos. Teoria e prática nunca podem se sobrepor pelo que diziam Foucault e Deleuze “são dois mundos que não se sintetizam, dois mundos que não se sintetizam em um”. E a não

4. N. do T.: Tradução de Rubens Enderle, Nélis Schneider, Luciano Cavini Martorano. A tradução corresponde a Marx, K. (2007). *A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. (p. 539). São Paulo: Boitempo.

síntese entre teoria e prática vinha desde Kant, quando Kant diz “razão teórica, razão prática”. A razão teórica busca coerência conceitual, a razão prática por sua vez busca certa eficácia. O que é preciso se perguntar é com o que tem a ver a eficácia, com que tipo de coerência conceitual. Porque de repente a ineficácia propõe problemas teóricos e a eficácia propõe outros problemas teóricos a serem revistos.

Segundo, isto é uma síntese do assunto, acredito que distinguir com Kant entre razão prática e razão teórica para os analistas seria mais que necessário, de outra forma tudo gira sempre em torno de um teorismo e não se sai da metapsicologia freudiana já formulada. E é preciso sair daí para remover as bases, voltar a pensá-las. Se uma prática não questiona a teoria é porque não se aprofundou.

Outra coisa: perguntou-se por alguns critérios de novidade ou criatividade em uma sessão semanal. Eu vou mencionar dois.

Um paciente fóbico, que tinha muita dificuldade no contato com seu mundo interno em sessão, sentia que escutava pouco a sessão porque não havia entrado em contato o suficiente. Então, com uma sessão semanal pouco escutada dizia, “Levo muito pouco. Poderia gravar a sessão semanal e depois a escuto sozinho em casa?”. “Sim”, eu lhe disse, “grave e escute”. Este paciente gravava a sessão e a escutava em casa pelo menos quatro vezes durante a semana. Bom, com o trabalho sobre a sessão gravada este paciente pôde, cada vez mais, entrar em seu mundo interno e vencer a fobia. Fez um processo interessantíssimo que não ocorria quando só tinha a sessão única.

Outro critério prático seria: como podemos alternar a análise com a autoanálise? Uma maneira seria: no intervalo entre duas sessões de diferentes semanas, propor ao paciente que escreva a sessão que teve e o que passar por sua cabeça durante a semana, como novas associações escritas, e que traga todo esse material como a sessão que ele teve com ele e virtualmente conosco, e trabalhemos a sessão a dois e a sessão consigo mesmo. Esse material é muito rico. Eu dei a uma paciente que estava bastante confusa, com dificuldade de pensar, a tarefa de escrever em um caderno o trabalho entre sessões. Ao longo do tempo escreveu 80 cadernos. E ela me dizia: “na biblioteca eu tenho um tesouro que são os 80 cadernos. Porque, por exemplo, agora tenho problemas com um namorado e volto 5 anos atrás o que acontecia com outro namorado”...

Uma chave para trabalhar em qualquer frequência de sessões é construir aliança analítica. Trabalho que de certa forma desenvolveu Elizabeth Zetzel, nos Estados Unidos. A aliança supõe certo acordo sobre o método que vamos usar e certo acordo sobre a frequência que vamos ter, e certa expectativa de que esse método com essa frequência vai dar algum resultado positivo que podemos esperar. O trabalho de construção de aliança é chave, porque, caso contrário, é exercício de poder. Se não é construída a aliança ou o que Freud chamou de *rapport*, é o poder do analista de impor ao paciente algo que não construíram conjuntamente. Esse me parece um ponto bastante chave.

Por último, em minha experiência, eu fui paciente de muitos métodos de análise, tenho a impressão de que quanto mais métodos de terapia vivamos como paciente, melhor vamos desenvolver nosso instrumental. Essa é minha experiência pessoal. Quase não há méto-

do de terapia no que eu não tenha sido paciente; individual, grupal, analítica, modo gestáltico...

**HL:** Está muito bem o desenvolvimento que Héctor fez entre teoria e prática, e como na interrelação entre ambas, qual delas muda para a outra. Houve um epistemólogo de que gostei muito porque era um rebelde inovador, Feyerabend, que escreveu um livro: *Tratado contra o método*.

Aqui ele propõe, efetivamente algo parecido, que as regras de aplicação de uma teoria o que fazem é ver como estimulam as teorias que provocam essas regras. Mas que o cientista tem que estar acostumado com a teoria do erro. Em última instância diz que as técnicas são um conjunto de erros que o que fazem é alimentar o núcleo teórico.

**HF:** Pequeno acréscimo de Lakatos, que diz: “Nenhuma teoria pode contemplar todos os aspectos do domínio ao que se refere”.

**HL:** Exatamente. Queria dizer isto em função de que Feyerabend dá um lugar à técnica, mas obviamente é um lugar secundário que alimenta a teoria em função dos erros que na clínica podemos gerar.

Agora voltando a algumas perguntas, uma pergunta que eu faria em geral é: quantas interpretações transferenciais fazemos? Primeira pergunta que se relaciona frequentemente com a frequência de sessões, como se com baixa frequência não se poderiam fazer. Da mesma forma segue em pé: quantas interpretações transferenciais fazemos? Parece-me que a situação não se define pela questão da frequência, porque haverá processos analíticos de quatro sessões nos quais a transferência não se interpreta nunca, e em uma sessão talvez se interprete, porque se faz ostensiva.

Há um livro sobre Freud que lamentavelmente está esgotado – eu tenho uma cópia – cujo título é: *Minha análise com Freud*, de Smiley Blanton. Smiley Blanton era um psiquiatra americano que queria aprender psicanálise, visita Freud, e lhe diz: “Senhor Freud, quero aprender psicanálise”. Começado o tratamento como parte de seu desejo de *training*, e Blanton, que estava com pressa porque tinha que voltar aos Estados Unidos, a cada sessão que ia falava de um sonho pensando que isso era o esperado. Dizia que isso é análise do inconsciente e este é o caminho, então Freud lhe disse: “Smiley, na vida há outras coisas além do inconsciente”. Freud estava claramente lhe interpretando a resistência, e acho que também há aspectos da realidade que ele não trazia. Mas vejam o estilo, quando hoje ou talvez há muitos anos, teríamos dito: “que lindo, este paciente me traz tantos sonhos”. Então, me parece que isto funciona como evidência de que é preciso adequar tudo à situação contextual.

## Resumo

O painel discute os reajustes clínicos necessários nos tratamentos psicanalíticos com frequência de uma-duas vezes por semana. Que transformações impõe esta nova realidade na abordagem clínica em seu conjunto e particularmente na construção da interpretação? Como pensamos a comunicação da interpretação? Destacaremos

---

---

---

---

---

---

diferenças quanto à possibilidade de formular interpretações transfe-renciais? Vemos diferenças quanto à possibilidade dos pacientes en-tenderem interpretações que se refiram a seu mundo fantasmático? Como pensar a questão da elaboração? A condição de analítico de um tratamento depende da frequência? Como articular a resposta que damos com nossas posturas epistemológicas? Em que medida esteve, até o momento, o tratamento destas questões centrais com muitas interferencias por problemáticas de poder institucional?

**Palavras-chave:** *Enquadre. Candidatos a palavras-chave: Interpretação, Transferência, Formação do analista, Instituição.*

---

---

---

---

---

---

## Abstract

The panel discusses clinical readjustments needed for once- or twice-a-week psychoanalytic treatments. What modifications does this new reality demand regarding our overall clinical approach and, in particular, the construction of an interpretation? How do we look at the ways in which we communicate an interpretation? Should we point to differences related to our ability to formulate transference interpretations? Do we see differences concerning patients' ability to understand interpretations referring to their fantasy world? How do we ponder the working-through process? Does the analytic nature of a treatment depend on its frequency? How do we connect our answer with our epistemological perspective? To what extent has the discussion of these critical issues been hampered by institutional power issues?

**Keyword:** *Approach. Candidates to keyword: Interpretation, Transference, Analyst training, Institution.*

---

---

---

---

---

---

## Referências

- Branton, S. (1974). *Diario de mi análisis con Freud*. Buenos Aires: Corregidor. (Trabalho originalmente publicado em 1971).
- Camus, A. (2010). *El mito de Sísifo*. Buenos Aires: Losada (Trabalho originalmente publicado em 1942).
- Faimberg, H. (2006). El discurso narcisista como resistencia a la escucha psicoanalítica; un clásico sometido al test de la idolatría. Em: H. Faimberg, *El telescopaje de generaciones; a la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho apresentado na Conferência da Federação Psicanalítica Europeia de 2001 em Madri).
- Focault, M. (2012). *Un diálogo sobre el poder y otras conversaciones*. Madri: Alianza.
- Freud, S. (1992). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. Em: J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1918).
- Lakatos, I. (1983). *La metodología de los programas de investigación científica*. Madri: Alianza. (Trabalho originalmente publicado em 1978).
- Lerner, H. (2004). Técnicas o rituales. Em: H. Lerner (comp.), *Psicoanálisis: cambios y permanencias*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- Liberman, D. (2009). *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Marx, K. (2010) Tesis sobre Feuerbach. Em: C. Marx e F. Engels, *Tesis sobre Feuerbach y otros escritos filosóficos*. Caracas: El perro y la rana. (Trabalho originalmente publicado em 1845).
- Steiner, G. (2016). *Nostalgia del Absoluto*. Madri: Siruela (Trabalho originalmente publicado em 1974).